

“Violência nos relacionamentos amorosos”

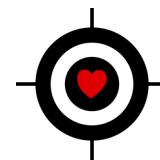
Thiago de Almeida

Segundo estimativas no mundo toda a violência está entre principais causas de morte do mundo todo. No entanto, embora os números sejam preocupantes, há uma quantidade de pesquisa incipiente no tocante a violência que é um fenômeno progressivo e que muitas vezes se manifesta no começo do namoro entre os jovens casais que se escolhem para seguir um caminho juntos e desenvolverem um relacionamento afetivo-sexual.

A escolha do parceiro, para um relacionamento afetivo-sexual como o namoro, é uma das mais importantes decisões que faremos ao longo da vida. Ainda que observemos a grande fragilidade da permanência e da satisfação em nos relacionamentos amorosos contemporâneos, pode-se constatar que cada pessoa passará pelo processo de escolha de parceiros somente umas poucas vezes na vida. Esta escolha pode ser francamente destrutiva ou altamente terapêutica, no sentido de poder impulsionar mudanças em direção à saúde, ou de estimular um funcionamento psicológico mais adequado. Daí decorre que uma das escolhas mais inadequadas que podemos fazer em se tratando de relacionamentos amorosos é estabelecermos um relacionamento com uma pessoa que é ou se mostrará violenta ao longo do curso do namoro. Day et al. (2003) nos colocam que há que se buscar, cada vez mais, desenvolver trabalhos e programas com abrangência mais ampla, para abarcar a vítima, o abusador e o restante do grupo familiar, em face das múltiplas facetas abarcadas pela violência.

Engane-se quem acredita que a violência nas relações íntimas é um fenômeno que está circunscrito ao casamento, com o homem a subjugar a mulher, embora estatisticamente a violência contra a mulher seja muito maior do que a contra o homem. Em todas partes do mundo, etnias, grupos religiosos, idades, classes sociais e gerações o fenômeno da violência está presente, embora não se possa negar que mulheres sejam mais atingidas pelas suas manifestações. Em outras palavras não é um fenômeno manifesto somente entre adultos, ou ainda, para determinadas etnias, classes sócio-econômicas mais ou menos abastadas e nem desaparece com a mudança de geração. As novas gerações provam o contrário e começam a se agredir mutuamente já na adolescência em seus primeiros relacionamentos afetivo-sexuais estabelecidos. Denomina-se violência conjugal a violência entre marido e mulher, namorados ou ex-parceiros.

Chegam ao ponto de insultar, ameaçar e até apelar para a violência física, o que constitui um alerta de risco para a violência marital. Muito longe da violência conjugal ser um fenômeno também descrito apenas ao âmbito clínico, ela está nitidamente presente no cotidiano de muitas pessoas. Não raramente, no namoro, agressões são mútuas e a vítima interpreta esses atos erroneamente como manifestações normais do descontrole emocional produzido pelo ciúme, e assim, minimizam o episódio. Praticamente todas escolas da psicologia evidenciam a família como o palco do desenvolvimento dos futuros problemas e neuroses da



pessoa, seguindo uma orientação psíquica e biológica, baseadas na fragilidade e dependência do ser humano. O que se é desconsiderado é que antes de uma díade se encaminhar para um relacionamento estável para consolidarem uma família, por exemplo, é que escolhas amorosas precisam ser feitas. E o ideal que essas escolhas pudessem não trazer problemas que lesem a integridade física ou psicológica de cada um de seus componentes.

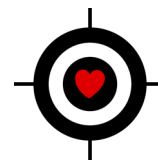
O comportamento agressivo e a violência em relacionamentos íntimos

O comportamento agressivo manifesta-se logo na primeira infância. Geralmente o padrão é os meninos copiam o comportamento dos pais. Logo, não é uma coincidência que uma grande parte das mulheres de homens violentos tenham sido vítimas de violência na infância. As meninas, por exemplo, que foram surradas ou violentadas por pai, avô ou tio se não receberem orientação adequada, podem crescer com a idéia de que violência é uma consequência natural e inevitável do relacionamento amoroso. Dessa forma, uma das possibilidades é que essas meninas acabem, mesmo que inconscientemente, escolhendo parceiros violentos. Para quebrar esse círculo vicioso, só existe uma saída: tratamento psicológico das vítimas para que superem seus traumas.

Poder-se-ia pensar que devido à imaturidade e a falta de experiência, em consonância com os esforços de querer se integrar ao mundo adulto mais precocemente para dominar e controlar pudesse contribuir para a manifestação de comportamentos violentos para com os outros e, dessa forma, o adolescente recorre aos mecanismos de vitimação de suas parcerias constituídas. Mas e quando o agressor é uma pessoa adulta que está namorando? Observa-se que o agressor com estas características recorre às mesmas estratégias de vitimação, ou seja, à violência psicológica e às tentativas de controle social da vida do(a) namorado(a).

A violência no namoro, e especialmente para relações juvenis foi está sendo progressivamente considerada um problema social relevante e merecedor de atenção em si mesmo (CALLAHAN, TOLMAN & SAUNDERS, 2003). Muitas vezes escamoteada, especialmente em casos de violência psicológica contra o(a) parceiro(a), e quando os agressores não são declaradamente violentos e o quadro não parece se enquadrar em uma situação de violência, algumas agressões físicas ou psicológicas a um dos parceiros pode passar despercebida. Mas, não nos enganemos, sob uma perspectiva linear, a violência implica no caráter lesivo ou destrutivo com um objetivo perfeitamente assinalado (BARBERÁ, 2004).

E a violência se estabelece e se atualiza a cada dia nos relacionamentos amorosos, às vezes sem que se perceba com clareza os inúmeros prejuízos que pode acarretar para a relação se não houver uma intervenção adequada. Zillman (1994) aponta que a violência pode ser impulsionada pelo mecanismo de frustração de expectativas e por necessidades que por algum motivo não foram contempladas, contudo o principal objetivo é maltratar para infringir sofrimento. De acordo com Barberá (2004, p. 215) "trata-se de



uma vinculação marcada por um jogo relacional que obedece a uma necessidade de poder e competência”. Nesse sentido, fundamentados em qualquer um dos pólos do eixo domínio-submissão, desenvolvem-se atitudes características que cerceiam, oprimem e estimulam o estabelecimento de uma culpa corrosiva naqueles que são vitimizados pelos diversos comportamentos violentos.

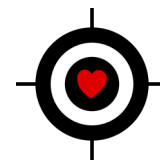
Faces da violência no namoro

O abuso pelo parceiro violento pode tomar várias formas, inclusive agressões físicas tais como golpes, tapas, chutes e surras, abuso psicológico por menosprezo, intimidação e humilhação constantes, coerção sexual, dentre inúmeras outras possibilidades. A violência é um fenômeno multidimensional e que apresenta várias conseqüências tanto para os algozes que a perpetram bem como para pessoas que são prejudicadas por ela. Barberá (2004) sugere algumas categorias para entendermos melhor de que forma a violência pode se manifestar, que no seu exercício podem aparecer sozinhas ou ainda simultaneamente:

Exercício da violência cotidiana por meio dos mecanismos de controle e autoritarismo.

De acordo com a autora situações de controle emergem sempre que não se satisfaz de que o fraco mantenha uma relação de estreita dependência com o poderoso, que o consegue, conseqüentemente, um status de superioridade que o reafirma. Quando os agressores exercem o controle ativo, o comportamento mais freqüentemente observado em suas vítimas é a passividade e o conformismo com a própria situação vigente.

A violência também pode se manifestar em um relacionamento por meio da imposição de mecanismos autoritários, isto é, quando um dos parceiros tenta impor sua autoridade para o outro. A partir de então, a relação se converte num campo de batalha declarado ou encoberto, no qual o(a) parceiro(a) que sai do roteiro previamente estabelecido para ele(a) pode ser severamente retaliado(a). O estabelecimento desta forma da violência geralmente é sutil e a primeira via que ela toma é o de controle ao parceiro, com ares de preocupação com o relacionamento e com o bem estar do próprio parceiro. Tão sutil que pode ser imperceptível para quem nunca sofreu a violência conjugal. Dessa forma, por meio de mecanismos de controle à liberdade da parceria constituída como, por exemplo, manifestar o ciúme como uma sinonímia do amor que sente, ou ainda, de sua preocupação com o parceiro ou com a relação, o comportamento violento do agressor se esconde por detrás da máscara da simpatia. Dessa forma, como ilustrações do comportamento de controle no que diz respeito ao ciúme é o isolamento forçado da mulher em relação à sua família e amigos, a vigilância constante de suas ações e a restrição de seu acesso a recursos variados. Os motivos da violência doméstica não são necessariamente magoar o parceiro, mas sim em manter o poder



e controle sobre a vítima. Em geral, a simpatia é normalmente o único lado do agressor que o resto das pessoas conhecem. Esse quadro só muda quando o agressor perde o controle sobre o outro e permite que outras pessoas testemunhem suas agressões.

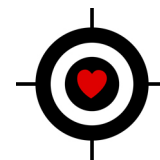
Seja como for, a agressão mínima, imperceptível a princípio, tende sempre a aumentar e se estender a inúmeras áreas do namoro. O comportamento agressivo é progressivo: pode começar com a tentativa "socialmente aceita" de estabelecer controle e poder sobre o outro, e aos poucos vai crescendo e se tornando mais destrutivo. Um exemplo disso é quando o namorado impõe para a parceira com que roupa devem andar juntos. Daí, para se ter controle em outras áreas da vida da parceira é uma questão de tempo, se ela se submeter a esses testes a sua capacidade de auto-afirmação, apenas evidenciando a assimetria que existe entre vítimas do controle e de seus vitimadores.

Exercício da violência cotidiana por meio da chantagem afetiva.

Segundo Madanes (1993, apud Barberá, 2004) em nome do amor são construídas verdadeiras situações de tortura emocional, que, entretanto são negadas em razão do próprio amor. Nem por isso elas infringem menos sofrimento aos parceiros para a qual a chantagem afetiva é articulada para se conseguir algo. Pessoas de quaisquer idade e sexo, em todos os tipos de relacionamentos, podem sucumbir a este tipo de estratégia psicopatológica perpetrada conscientemente ou inconscientemente pelo seu perpetrador.

Exemplos de chantagens são os mais diversificados possíveis: pressão do chantagista, geralmente cercada de ameaças como, por exemplo, suicidar-se em oposição à resistência da vítima em atendê-lo por sentir ir contra seus princípios ou vontade. Quando o homem, por exemplo, exerce uma chantagem afetiva culpabilizando sua parceira, pode ocorrer desta assumir a culpa por não ter se comportado de acordo com o que acha que deveria fazer, ou mesmo, de acordo com aquilo que acredita ser capaz de realizar. Esta estratégia pode gerar muitos danos para a auto-estima dos parceiros para a qual a chantagem é dirigida. Uma ilustração mais proeminente acerca da chantagem é a manipulação das relações sexuais, sobretudo, quando o parceiro quer influenciar a pessoa com quem está namorando a aderir a esta prática bem antes do que naturalmente consentiria. Notadamente a chantagem emocional com vistas a se obter cópula e/ou favores sexuais está presente em outros relacionamentos e se torna uma ferramenta na qual parceiros podem violentar suas parcerias amorosas.

A pessoa chantageada, não raramente, assume o mal-estar do provedor para si mesma, sentindo-se responsável por ter "aparentemente" infringido algum sofrimento ao provedor da chantagem, quando na verdade, esta situação foi instalada na cabeça dessa vítima pelo seu vitimador. O denominador comum para os inúmeros casos de chantagem são os sentimentos compartilhados de desaprovação e de recriminação do vitimador em relação à vítima e esta passa a experimentar a vivência do fracasso que lhe foi imposta sem



compreender ao certo que se trata de uma injustiça emocional a ela atribuída. Uma vez que a vítima cede à chantagem, há uma alta probabilidade de repetição da situação, o que pode chegar a se tornar um ciclo vicioso.

Exercício da violência cotidiana por meio da coação

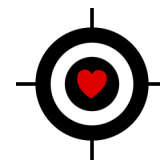
Comete um erro quem imagina que o fenômeno da violência está representado significativamente pelo uso agressivo da força de determinada pessoa ou grupo contra uma outra pessoa ou grupo. O conceito de violência também além da força física usada indevidamente, à possibilidade ou ameaça de utilizá-la contra uma outra pessoa. Isso implica no conceito de coação. A coação ocorre quando o agressor utiliza de quaisquer procedimentos para obrigar e procurar forçar a outra pessoa a realizar determinada situação contra a vontade desta pessoa.

O isolamento, por exemplo, imposto pelo parceiro agressor durante o namoro é também um importante fator de risco para a violência, embora muitas vezes não seja reconhecido como tal pelos jovens. O empenho no isolamento da vítima e até mesmo alguns comportamentos de stalking (e.g., impedir contactos sociais com os pares) que configuram alguns dos sinais de risco que podem identificar a violência. No entanto, estes podem ser confundidos com manifestações de amor ao parceiro (LEVY apud CALLAHAN TOLMAN SAUNDERS, 2003). Também a falta de experiência relacional, associada à necessidade de emancipação e de independência dos jovens nesta fase (e.g., condições que conduzem à procura de um tempo superior de relacionamento a sós e à tomada de decisões de forma autônoma), nem sempre facilitam o reconhecimento de uma condição de vitimação, tampouco a identificação de eventuais recursos para a gerir (e.g., contacto com outros adultos ou pares) (MATOS et al., 2006).

O estudo da violência nos casais

A partir da década de 1990 começaram a surgir na literatura primeiras referências a programas de prevenção contra a violência nas relações amorosas em casais juvenis. A maioria buscou, fundamentalmente, mostrar aos jovens a gravidade da violência e educá-los acerca de comportamentos não-violentos na intimidade. Por meio de ações diversas, procuraram, essencialmente, diminuir a probabilidade de os participantes se tornarem, no futuro, potenciais ofensores ou vítimas (JAFFE et al., 1992).

Os casais que vivenciam a violência em seus relacionamentos afetivo-sexuais constituem uma amostra representativa da capacidade do ser humano ao se adentrar nos labirintos da destruição, do sofrimento e do indefensável (BARBERÁ, 2004). Embora alguma controvérsia permaneça relativamente à sua real prevalência e distribuição em termos de gênero esta não é uma problemática rara nesse contexto dos



relacionamentos amorosos. E assim, como na violência marital, a violência no namoro pode traduzir-se num impacto significativo para a vítima, resultando em danos diversos (GLASS et al., 2003), a curto e a longo prazo (e.g., disfunções do comportamento alimentar, estresse pós-traumático, perturbações emocionais, comportamentos sexuais de risco).

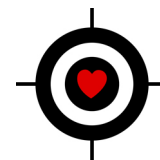
A violência no namoro, bem como o processo de vitimação na família de origem pode ser melhor compreendida à luz da perspectiva da transmissão intergeracional da violência. Este tipo de explicação, que tem subjacente a noção de aprendizagem social, postula que o comportamento de cada indivíduo é determinado pelo ambiente em que este se insere, especialmente pelos membros da sua família, por meio de mecanismos de observação, reforço, modelagem ou coação (GELLES, 1997).

Prevenção da violência

Alguns estudos referentes à violência conjugal têm sido direcionados para a sua compreensão. Paralelamente a essa tendência, procurou-se enfatizar o aumento da conscientização do público acerca da violência entre parceiros porém, muito ainda tem de ser feito, pesquisado e esclarecido, quando se fala em prevenção. Assim comodiversas manifestações da violência, os esforços preventivos ao nível da violência no namoro também podem assumir diferentes dimensões. Matos et al. (2006) citam alguns:

- a) prevenção primária: trabalhar com pessoas que não tiveram contato com realidades violentas ou experiências de vitimação, procurando ajudá-los a manter essa condição
- b) prevenção secundária: trabalhar especificamente com pessoas paraquais existe o risco de se tornarem vítimas ou agressores na intimidade (e.g., adolescentes vítimas de violência parental, ou ainda, casos de adolescentes expostos à violência interparental)
- c) prevenção terciária: trabalhar com indivíduos que já foram alvo de violência no namoro e que procuram ajuda para essa condição, de forma a reduzir esse impacto e a evitar uma nova vitimação e/ou trabalhar com indivíduos que perpetraram violência e que procuram, voluntária ou coercitivamente, interromper esse tipo de comportamentos. Deve-se ensinar, sobretudo mulheres, a evitarem e a se defenderem de homens violentos. Mulheres com boa auto-estima saberão se posicionar adequadamente a homens que apresentem comportamento violento, por menor que seja.

Dessa forma, idéias errôneas como apalhões, toques contra a vontade da vítima e a pressão para ter relações sexuais, dentre todas as possíveis violências multiformes, freqüentemente não são considerados uma violação aos parceiros, porque consideram seu direito explorar o corpo do(a) namorado(a). Outra crença errônea que vitimiza muitas parcerias constituídas é que o ciúme é tido como prova de amor e, portanto, algumas retaliações são bem-vindas para a harmonia do relacionamento.



Caso ocorram reincidências por parte do parceiro pelos comportamentos violentos, o melhor a se fazer é renunciar a relação para assegurar a própria saúde física e psicológica. Contudo, abandonar um relacionamento abusivo é um processo que, freqüentemente, inclui períodos de negação, culpa e submissão antes que a vítima finalmente compreenda que o abuso continuará a se repetir e passe a se identificar com outras mulheres na mesma situação. Este é o início do processo de ruptura e recuperação.

Os estudos que abordam o núcleo familiar e a sua relação com a violência têm demonstrado como os vínculos iniciais estão correlacionados com os comportamentos na vida adulta ante os amigos, pais, parceiros, comunidade, no envolvimento com regras e normas culturais, e tanto na capacidade de amar quanto na de desenvolver atos de crueldade contra as pessoas mais próximas (WIDOW, 1996). Outro aspecto a ser evidenciado da prevenção da violência de gênero, de caráter mais amplo, passa pelo desenvolvimento de políticas governamentais, comunitárias e institucionais que estimulem relações de gênero paritárias, que estimulem a cooperação entre homens e mulheres, que promovam a autonomia e a resiliência das mulheres, bem como a resolução não violenta e eficaz dos conflitos entre parceiros (HAGE, 2000).

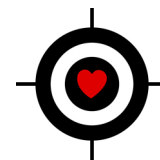
A violência no namoro é um importante preditor da violência conjugal (HAMBY, 1998), até mesmo porque partilha alguns dos fatores de risco associados à violência marital (KAURA ALLEN, 2004) reforçam a importância da prevenção em fases relacionais precoces.

Considerações finais

Um dos mais graves problemas que atingem a humanidade é a questão da violência, por meio do uso intencional da força física ou do abuso de poder exercido contra suas vítimas. Sobretudo, o abuso das condutas violentas no contexto das suas relações íntima é uma problemática que está chamando cada vez mais a atenção da sociedade devido ao número crescente deste fenômeno.

Observa-se que a violência física, em relacionamentos íntimos, quase sempre é acompanhada de abuso psicológico. A maioria das vítimas, especialmente mulheres que sofrem alguma agressão física sofrem, geralmente, vários atos de agressão ao longo do tempo. Será a noção de "justa causa" que legitimará a violência para os agressores e que aparece com freqüência nas pesquisas sobre violência realizadas em muitos países?

Em geral, vítimas e agressores não percebem que a violência não é aceitável, contudo, essa percepção não isola nem erradica o problema. Freqüentemente parceiros vitimizados pelo agressor suportam altos limiares de violências impostos por seus parceiros e atingem o ponto de ignorar a violência sofrida, sobretudo, quando ela aparenta ser menor ou mesmo motivada pelo descontrole em algumas pessoas



provocado por fatores como o ciúme. Logo, ao se pensar no tema violência conjugal, e ainda dentro de um grupo significativo de nossa população, os jovens namorados, exige-se pensar em prevenção.

A experiência do abuso da violência do parceiro pode comprometer consideravelmente a auto-estima da pessoa vitimizada, e a expõe a um risco mais elevado de padecer de problemas mentais, como depressão, fobia, estresse pós-traumático, tendência ao suicídio e consumo abusivo de álcool e drogas.

Especialmente mulheres são as maiores vítimas do abuso da violência masculina. E há que se evidenciar que o medo da mulher é um aliado poderoso para o agressor. Exemplificando-se, o receio de perseguições e retaliações por parte do parceiro acaba por levá-las a se renderem ao domínio do namorado agressor, o que, não raro, impedem-nas de reagirem mais cedo. Então, como a violência vem geralmente acompanhada do segredo e da negação, favorece com que muitos casos sequer cheguem ao sistema de Justiça ou mesmo ao sistema de Saúde.

Segundo Greenspun (2002) ciclos de abuso no casal como agressão, perdão, reconciliação que se alternam demonstram que os laços amorosos podem prevalecer sobre a violência. No entanto, é importante salientar também que uma seleção de parceiro bem feita é tão importante quanto o próprio relacionamento, já que isto, a priori, economizaria o tempo e os investimentos de ambos os componentes numa relação insatisfatória, especialmente, para um de seus componentes (ALMEIDA, 2003). Deveríamos ter em mente que o amor, romance, namoro ou qualquer nome que utilizarmos para nos remeter a relacionamento afetivo-sexual, não pode ser encarado como uma recreação ou passatempo dos finais de semana, sendo tratado como uma extensão de nossas atividades profissionais.

Torna-se necessário, assim, que novas pesquisas sejam realizadas, face aos inúmeros aspectos envolvidos neste tema, garantindo assim, uma melhor observação do fenômeno da violência. Ainda assim, acredita-se útil e oportuna a divulgação deste trabalho na medida em que poderá contribuir para a realização de outros estudos que visem aumentar e/ou verificar a generalidade dos resultados. Aproveitadas tais contribuições, novos estudos serão mais que bem-vindos.

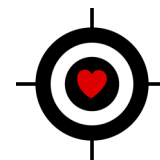
Referências

ALMEIDA, T. O perfil da escolha de objeto amoroso para o adolescente: possíveis razões. 2003. (Trabalho de Conclusão de Curso). Departamento de Psicologia: UFScar, São Carlos, SP, 2003.

BARBERÁ, E. L. Violência e poder na vida cotidiana do casal. In: VITALE, M. A. F. (Org). Laços amorosos. São Paulo: Agora, 2004.

CALLAHAN, M. R. TOLMAN, R. M. SAUNDERS, D. G. Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. *Journal of Adolescent Research*, v. 18, p. 664-681, 2003.

DAY, V. P. et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande*



do Sul, v. 25, n.1, p. 9-21, 2003.

GLASS, N. et al. Adolescent dating violence: Prevalence, risk factors, health outcomes and implications for clinical practice. *Jognn Clinical Issues*, v. 32, p. 227-238, 2003.

GELLES, R. J. *Intimate violence in families*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1997.

GREENSPUN, W. Abraçando a controvérsia: uma abordagem metassistêmica aotratamentodaviolênciadoméstica. In: PEGGY, P. *Casais em perigo: novas diretrizes para terapeutas*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002. p. 167-192.

HAGE, S. M. The role of counselling psychology in preventing male violence against female intimates. *The Counselling Psychologist*, v. 6, p. 797-828, 2000.

HAMBY, S. Partner violence. Preventive and intervention. In: JASINSKI, J. WILLIAMS, L. (Eds.). *Partner violence - A comprehensive review of 20 years research*. Thousand Oaks: Sage, 1998. p. 211-260

JAFFE, P. G. et al. An evaluation of a secondary school primary prevention program on violence in intimate relationships. *Violence and Victims*, v. 7, n.2, p. 129-146, 1992.

KAURA, S. A. ALLEN, C. M. Dissatisfaction with relationships power and dating violence perpetration by men and women. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 19, n. 5, p. 576-588, 2004.

MATOS, M. et al. Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia teoria e prática*, v. 8, n.1, p.55-75, 2006.

WIDOW, C. S. SHEPARD, R. L. Accuracy of adult recollections of childhood victimization: Part 1. Childhood physical abuse. *Psychological Assessment*, v. 8, p. 412-421, 1996.

ZILLMANN, D. Cognition-excitation interdependencies in the escalation of anger and angry aggression. In: POTEAL, M. KNUTSON, J. F. (Eds.), *The dynamics of aggression: Biological and social processes in dyads and groups*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 1994. p. 45-71.

Artigo veiculado em: http://www.brasilmedicina.com.br/noticias/pgnoticias_det.asp?Codigo=1863